



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Manifesto Antropófago e Clan do Jabutí: o discurso identitário brasileiro no modernismo

Mariana Moreira Fernandes Barata *
Maria Luiza Scher Pereira **

RESUMO: A discussão de projetos de identidade cultural é relevante na medida em que problematiza a questão da dependência cultural que está sempre presente nos debates dos estudos acadêmicos. Propomos, então, um estudo comparativo entre o projeto nacionalista desenhado por Oswald de Andrade no Manifesto Antropófago e o depreendido da leitura de Clan do Jabutí de Mário de Andrade. Nossa análise pretende observar aproximações e diferenças nas concepções de elementos da identidade brasileira, tanto no âmbito estético quanto no político.

Palavras- chaves: Mário de Andrade; Oswald de Andrade; Indentidade nacional; Modernismo

1. Convergências

Durante o Romantismo, a busca pela definição da identidade brasileira, dado o contexto histórico da época, foi marcante. Os escritores do império se dedicaram a investigar a miscegenação brasileira, o território nacional, a natureza exuberante. Entretanto, com a Proclamação da República em 1889, o nacionalismo adquiriu nova força e passou a ser essencialmente laico. Havia na época um forte desejo em desconstruir o discurso de identidade nacional vigente até então. Segundo essa nova concepção de nacionalidade, as obras produzidas no Romantismo acabaram por produzir ou repetir estereótipos, seja

Bolsista de Iniciação Científica PIBIC / UFJF 2006 / 2007-03-30

** Professora orientadora



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

por estarem vinculadas ao ideário burguês, seja pela forte dependência com a cultura europeia. Os intelectuais de 1929 cresceram imbuídos do espírito nacionalista e republicano de recontar a história brasileira através das artes em geral. Coube aos modernistas na primeira fase do modernismo, então, o questionamento e a tentativa de atualização do discurso da identidade nacional, notadamente Oswald e Mário de Andrade. Dessa maneira, tanto na leitura de *Manifesto Antropófago* como na de *Clan do Jabutí* podemos desprender o desejo de reformulação e de descobrimento do que é ser brasileiro(a).

Nos anos 20, a sociedade brasileira, principalmente a paulistana, passava por profundas transformações. A modernidade encarregou-se de acelerar mudanças, de problematizar conceitos e de destituir símbolos de cultura. Como resposta a essa instabilidade de paradigmas, Mário e Oswald de Andrade buscam redefinir os limites de identidade nacional. Podemos dizer, assim, que a luta pela verdadeira independência político-cultural, de acordo com os parâmetros modernistas, seja um traço em comum das duas obras em questão. Os dois escritores desenvolveram, de maneiras distintas, projetos que reformulavam criticamente as influências vanguardistas europeias e as adaptavam à realidade brasileira.

Embora os caminhos escolhidos por eles sejam díspares, ambos usam a ironia como instrumento de crítica aos modelos estéticos e à estrutura política, econômica e social anteriores. Temos, como exemplos:

“ Ôh hélicas maravilhosas
Dos tempos quentes do Romantismo,
Maças coradas, olhos de abismo,
Donas perversas e perigosas,
Ôh hélicas maravilhosas!
Não vos compreendo, sois de outras eras,

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Fazei de pressa o pneumotórax
Mulheres de Antão e de Dumas Filho!
E então seremos bem mais felizes,
Eu sem receio do vosso brilho,
Vós sem bacilos nem hemoptises,
Ôh héticas maravilhosas!”

(Mário de Andrade, *Acalanto da Pensão Azul*)

No trecho acima, percebemos a marca da modernidade em Mário de Andrade. Seu desejo de explorar um tipo de poética que se alinhasse à realidade contemporânea também pressupõe a reformulação de valores estéticos anteriores. No tocante à identidade cultural brasileira não poderia ser diferente. Neste poema, Mário de Andrade critica a dependência romântica de modelos europeus, irrealis, ou pelo menos insuficientes para representar nossa cultura e nossa realidade. A sensibilidade modernista não se restringe, entretanto, à *crítica da literatura pela literatura*¹ A poesia inclui também o questionamento da estrutura político-social:

“A noite era para descansar. As gargalhadas branca dos mulatos...
Silêncio! O Imperador medita seus versinhos.
Os Caramurus conspiram na sombra das mangueiras ovais.
Só o murmurejo dos cre’-m-deus-padre irmanava os homens de meu país..(..).”

(Mário de Andrade, *O poeta come amendoim*)

O anseio pela liberdade de criação e os novos paradigmas encontram expressão também na obra de Oswald de Andrade. Nesse escritor, porém, a crítica modernista se encontra com o espírito de destruição e construção de uma nova ordem, com a transformação do tabu em

¹ Expressão cunhada por Benedito Nunes. Ver biografia



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

totem, o que implica uma releitura da compreensão do passado. Através da violenta metáfora da antropofagia, Oswald destaca uma parte da identidade brasileira esquecida e distorcida pelo romantismo. A volta ao Brasil de antes do descobrimento busca entrelaçar o passado mítico à luta pela edificação da utopia antropofágica.

“Contra o Padre Vieira. Autor do nosso primeiro empréstimo, para ganhar comissão. O rei-analfabeto dissera-lhe: ponha isso no papel mas sem muita lábia. Fez-se o empréstimo. Gravou se o açúcar brasileiro. Vieira deixou o dinheiro em Portugal e nos trouxe a lábia.

(Oswald de Andrade, *Manifesto Antropófago*)

Assim, o discurso literário sobre a cultura nacional encontra na modernidade um período fértil para transformações e releituras. Entretanto, é importante ressaltar que a nova postura literária de Mário e Oswald de Andrade buscava dialogar com as tendências artísticas mundiais muito mais que propor um rompimento. Os dois escritores defendem um novo olhar crítico afinado com os problemas e tendências artísticas do momento, o que não excluiria a ânsia em se constituir um novo discurso identitário nacional. Essa postura originou transformações no modo como vemos o nosso país e, é claro, na noção de identidade.

2. Os caminhos percorridos

a) Mário de Andrade



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Em *Clan do Jabutí*, de Mário de Andrade, o projeto nacionalista é mais explícito se visto em comparação com *Manifesto Antropófago*. Utilizando-se do folclore e das matrizes africanas, indígenas e sertanejas, Mário de Andrade apresenta a idéia de uma identidade brasileira plural, composta de múltiplas origens e elementos. Para tanto, Mário de Andrade empreendeu um estudo profundo sobre a cultura popular brasileira e seu folclore, marginalizados pela elite intelectual do país desde os tempos do descobrimento. O autor de *Macunaíma* escolhe essa vertente de pesquisa com o objetivo de definir as particularidades do que é ser brasileiro e, dessa maneira, estabelecer as bases de uma corrente estética comprometida com os valores nacionais. Dentro de um contexto histórico atribulado, sua meta era instaurar uma discussão profícua sobre o conceito de arte nacional.

O próprio título da obra revela a concepção de variedade na unidade, uma vez que a palavra "clan" traz a idéia do grupo. Por sua vez, o "Jabutí", animal que é parente da tartaruga, simboliza a "brasilidade".

" Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e paraoaras escancarem as vogais?
Que tem si o quinhentos réis meridional
Vira cinco tostões do rio pro Norte?
Juntos formamos este assombro de misérias e grandezas.
Brasil, nome de vegetal!...

(Mário de Andrade, *Noturno de Belo Horizonte*)

Os homens do povo e os hábitos de diferentes pontos do Brasil são constantemente enfocados na série de poemas que constitui o livro. Para



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

descrevê-los, Mário de Andrade opta por uma linguagem e uma musicalidade consideradas típicas da gíngua brasileira, sem se esquecer dos traços que predominam em cada região. Nesse esforço, assonâncias e aliterações são comuns na tentativa de redefinir o sentido da cultura brasileira popular. *Clan do Jabuti* pode ser compreendido, dessa maneira, como uma tentativa de despertar a nação para os traços da identidade brasileira, enraizada na tradição popular, ou seja, para a *low cult*. Antes do Modernismo, os artistas desejavam acompanhar a produção artística européia, a considerada *high cult*, repetindo em suas obras os valores, as realizações estéticas e a modernidade estrangeira. Os elementos da “brasilidade” eram vistos pejorativamente se comparados àqueles pertinentes à civilização européia, uma vez que a Europa era considerada um exemplo a ser seguido pela elite cultural nacional.

Mário de Andrade tenta romper com este estigma sem descaracterizar o imaginário popular e suas construções discursivas naquilo que lhe é mais inerente. Para tanto, ele não cria um novo modelo de identidade nacional, como propõe Oswald de Andrade, mas o readapta a um modelo nacionalista.. A preguiça, a sensualidade, a etnia do povo brasileiro são vistos como valores positivos, contrariando o conceito elitista *high cult* em vigor. *Clan do Jabuti* já indica o caminho posteriormente traçado por esse escritor em *Macunaíma*, quando sua teoria sobre a identidade brasileira já estava amadurecida:

Brasil...
Mastigado na gostosura quente de amendoim...
Falado numa língua curumim



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

De palavras incertas num remelexo melado melancólico...
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes bons...
Molham meus beijos que dão beijos alastrados
E depois remurmuram sem malícia as rezas bem nascidas...
(...)
Brasil que eu amo porque é o ritmo de meu braço
aventuroso,
O gosto dos meus descansos,
O balanço das minhas cantigas amores e danças.
Brasil que eu sou porque é a minha expressão muito
engraçada,
Porque é o meu sentimento pachorrento,
Porque é o meu jeito de ganhar dinheiro, de comer e de
dormir.

(Mário de Andrade, *O poeta come amendoim*)

Assim, segundo Guarilha, o estudo do conceito de arte nacional continua ainda relevante na atualidade. Primeiramente, pela importância dele no entendimento da passagem do século XIX para o século XX e é claro, na construção do discurso identitário brasileiro enquanto povo feliz, imaginativo e auto-sustentável. Entretanto, o projeto de uma arte estritamente formada de elementos nacionais nunca foi concretizado. Nossos artistas modernistas continuaram valendo-se de recursos estéticos também desenvolvidos por outros estrangeiros, embora de maneira diferenciada e independente. Posteriormente, com o advento da pós-modernidade e da globalização, a definição de arte nacional perde sua razão de ser e dá lugar à produção contemporânea, em que as influências tornam-se múltiplas e muitas vezes indefiníveis.

Podemos, ainda, encontrar diferenças formais comparando as duas obras de nosso estudo. Enquanto Mário de Andrade apresenta seu projeto em um livro de poesias, Oswald de Andrade escolhe o gênero manifesto . A



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

escolha dos escritores acaba por ressaltar o aspecto político do *Manifesto Antropófago* e atenuá-lo em *Clan do Jabutí*.

b) Oswald de Andrade

O *Manifesto Antropófago*, publicado em 1928, foi lançado com objetivo de redefinir as bases da cultura e de contrapor a identidade brasileira vigente até então. A proposta que Oswald de Andrade levanta já pode ser despreendida pelo título: a metáfora da Antropofagia. Inicialmente, a antropofagia indígena consistia no ato de devorar o corpo do inimigo em busca de suas qualidades. Dialogando com vanguardas européias como Dadaísmo, Cubismo e Fauvismo que retomam a idéia do canibalismo, Oswald de Andrade utiliza-se da antropofagia para desenvolver o conceito de deglutição das culturas européias, indígenas e africanas. Embora a antropofagia européia tenha contribuído para a formação da antropofagia oswaldiana, não podemos cair no reducionismo de causalidade na crítica de uma obra tão complexa como o *Manifesto Antropófago*. É necessário, sobretudo, reconhecer que o tema da antropofagia estava intimamente ligado, na literatura, ao primitivismo comum a todos e à busca de se refletir sobre o irracional. Segundo Benedito Nunes, " *começava, então, esse diálogo, que até hoje continua, entre o pensamento lógico e o pensamento selvagem, a cujo desenvolvimento se deve em parte, a tremenda auto-análise do homem contemporâneo, que dilacera a si mesmo, dilacerando seus mitos*" (NUNES, 1979: 19). Ao trazer à tona o pensamento ilógico através da alegoria da antropofagia, Oswald de



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Andrade dá espaço para a tradição primitiva completamente estranha à cultura européia. Entretanto, ele não está sozinho nem isso é inaugural no modernismo. Em 1907, o quadro *Les demoiselles d'Avignon* de Picasso já trazia a máscara ritual africana como perfil das moças representadas.

No caso brasileiro, o primitivismo oswaldiano se encontra, portanto, na síntese do discurso mítico com o discurso da cultura intelectual. As tradições e a originalidade populares, recalcadas pela elite pensante do país, deveriam se mesclar com a produção artística da civilização moderna. Para o escritor, todos esse elementos que compunham o contexto histórico-cultural brasileiro deveriam ser processados e posteriormente unificados para a criação de uma identidade brasileira autônoma de qualquer dependência cultural. O resultado dessa mistura deveria ser uma produção artística ao mesmo tempo universal e nacional, o que já é um avanço se considerarmos o *Manifesto Pau-Brasil*. Como exemplo, temos a famosa frase "Tupy or not Tupy that's the question". Partindo da frase de Hamlet, a antropofagia a absorve e a reinventa com sentido apropriado a cultura brasileira. Ela apaga o traço inglês, mas não deixa de aproveitá-la, o que a torna universal e nacional ao mesmo tempo. Comparando com o projeto de Mário de Andrade, podemos perceber o esforço de aglutinação de elementos na proposta do *Manifesto Antropófago*, o que não é tão evidente em *Clan do Jabutí*. Neste último, a diversidade assume um papel muito mais relevante.

"Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente.
Economicamente. Filosoficamente.

The logo for 'Revista Gatilho' features a black horizontal brushstroke at the top. Below it, the word 'REVISTA' is written in a small, black, sans-serif font. Underneath 'REVISTA', the word 'GATILHO' is written in a large, bold, black, serif font with a distressed, hand-painted appearance. The text is set against a light orange rectangular background.

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Única lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os coletivismos. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.”
(Oswald de Andrade, Manifesto Antropófago)

Embora a proposta da síntese antropofágica seja clara, o espírito de rebeldia é marcante em todo manifesto. Através de uma crítica mordaz, o primitivismo oswaldiano questiona toda uma trajetória político, econômica, social e cultural que construiu a realidade histórica do Brasil dos anos 20. No *Manifesto Antropófago* encontramos dois tipos de discurso, questionadores da realidade. O primeiro, típico dos artistas de esquerda da época, pressupõe o intelectual como porta-voz do proletariado. Sua missão seria falar pelas massas e ser a *consciência de todos*². Já o segundo discurso suplanta a universalidade do primeiro e caracteriza o intelectual com uma função específica. O intelectual passa a enfrentar questões que lhe são próprias mas não perde seus elementos em comum com a luta da classe trabalhadora.

A coexistência dessas duas posturas e a contradição que elas produzem indicam a alternância entre o simbolismo e alegoria do canibalismo presentes no *Manifesto Antropófago*. Dessa maneira, o manifesto está imbuído de uma atitude anti-histórica que resulta no retorno dos rituais de antropofagia. Na visão antropófaga, a dependência político-cultural brasileira é fruto de seu passado histórico, da relação colonizado/colonizador. Além de criticar as tradições européias vigentes no Brasil, como o faz Mário de Andrade, o *Manifesto Antropófago* é a favor da volta ao primitivismo como maneira de se construir a desejada

² Foucault in HELENA. Ver biografia



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

independência. A relação de subordinação é invertida: o Brasil passa a ter uma posição privilegiada por poder absorver e digerir o que lhe é externo, mas sem perder suas características inerentes.

“Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem”

(Oswald de Andrade, *Manifesto Antropófago*)

A linguagem utilizada por Oswald de Andrade é ambígua. Ao contrário de *Clan do Jabutí*, a escrita possui elipses e as frases nem sempre apresentam coesão. A linguagem alegórica e fragmentada do *Manifesto Antropófago* espelha a pluralidade e as diferenças brasileiras, as distâncias entre o antigo e o novo, entre os dominadores e os dominados. Ou seja, expressa o que a proposta antropofágica de Oswald de Andrade pretendeu suplantar através da criação do matriarcado do Pindorama. Como exemplo da linguagem empregada, temos:

“Filiação. O contato com o Brasil Caraíba. *Orl. Villegalgon print terre*. Montaigne. O homem natural. Rousseau. Da Revolução Francesa ao Romantismo, à Revolução Bolchevista, à Revolução Surrealista e ao bárbaro tecnizado de Keyserhng. Caminhamos.

(Oswald de Andrade, *Manifesto Antropófago*)



REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

Como também podemos observar do fragmento acima, o próprio Oswald realiza uma síntese antropófaga. Em todo manifesto percebemos a influência de Marx, Freud, Breton, Montaigne e Rousseau, cujas teorias forma adaptadas e deglutidas para a realidade sócio-artística brasileira.

Como legado do Manifesto Antropófago, temos o movimento tropicalista e o conceito de “entre-lugar” de Silviano Santiago, entre outros. A antropofagia defendida por Oswald de Andrade continua pertinente porque a condição de dependência que ela critica ainda pode ser discutida na poesia contemporânea

Considerando a importância desses autores na discussão das questões de identidade, pensamos que tanto o projeto de identidade de *Manifesto Antropófago* como o de *Clan do Jabuti* merecem ser relidos e rediscutidos numa atualização do debate sobre a nossa formação, por uma perspectiva que enfatiza a originalidade e a auto-suficiência da nossa cultura.

Referências Bibliográficas:

ANDRADE, Mário de. *Clan do Jabuti*. In.: *Poesias Completas*. Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.p. 161-206

_____, Oswald de. *Manifesto Antropófago*. In.: *Obra Completa*. 3.ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972. p.11-19

GUARILHA, Hugo Xavier. *A idéia de arte nacional e os projetos de três críticos: Gonzaga-Duque, Monteiro Lobato e Mário de Andrade*. 2001. 115f. Monografia (Tese de Conclusão de Curso) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2001.

REVISTA
GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007

HELENA, Lúcia. *Totens e tabus da modernidade brasileira – símbolo e alegoria na obra de Oswald de Andrade*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1985. 213p.

NUNES, Benedito. *Antropofagia e vanguarda – acerca do canibalismo literário*. In.: *Oswald canibal*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979. 77p.

<http://209.85.165.104/search?q=cache:bZvYH4hm1aMJ:almanaque.folha.uol.com.br/semana22.htm+Oswald+de+Andrade+Manifesto+Antropof%C3%A1gico&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=5>, em 02/01/07

<http://209.85.165.104/search?q=cache:q2gK61hmYYoJ:www.culturabrasil.org/oswaldw.htm+Oswald+de+Andrade+Manifesto+Antropof%C3%A1gico&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=17>, em 02/01/07

http://209.85.165.104/search?q=cache:8Bz4DS-SD88J:www.amigosdolivro.com.br/lermais_materias.php%3Fcd_materias%3D3916+Oswald+de+Andrade+Manifesto+Antropof%C3%A1gico&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=27, em 02/01/07

http://209.85.165.104/search?q=cache:OM2r8n0vgLIJ:www.netencyclo.com/pt/Oswald_de_Andrade+Oswald+de+Andrade+Manifesto+Antropof%C3%A1gico&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=41, em 02/01/07

<http://209.85.165.104/search?q=cache-vYKkAwf1hoJ:acd.ufrj.br/pacc/literaria/poesias.html+cl%C3%A3+do+jabuti+M%C3%A1rio+de+Andrade&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=2>, em 02/01/07

http://209.85.165.104/search?q=cache:twosDW3-EL0J:www.speculum.art.br/module.php%3Fa_id%3D393+Cl%C3%A3+do+Jabuti+M%C3%A1rio+de+Andrade&hl=pt-BR&gl=br&ct=clnk&cd=16, em 02/01/07



REVISTA

GATILHO

Ano III :: Volume 5 :: julho 2007